

Prefácio

Henrique Tahan Novaes

Como citar: NOVAES, H. T. Prefácio. *In:* PIRES, J. H. S. **Estudo, trabalho e agroecologia:** apontamentos sobre a formação técnica do MST (PR). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 15-20.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-115-7.p15-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

A barbárie promovida pelo capital financeiro tem trazido consequências nefastas para a classe trabalhadora no mundo inteiro. Saqueamento dos fundos públicos, expropriação das casas como na crise de 2008, destruição parcial ou completa do Estado de Bem-estar social na Europa e dos poucos direitos constitucionais no *Estado de mal estar social* na América Latina. A voracidade do capital mundializado, com seu *senado virtual* que decide a alocação dos capitais, não respeita decisões populares, passa por cima dos parlamentos e promove golpes em todos os cantos do mundo.

O capital fictício além de cobrar dos parlamentos a liberdade total para a sua reprodução, destruindo direitos duramente conquistados pela classe trabalhadora, também promove uma ampla manipulação ideológica e o estímulo a processos de fascistização, através das técnicas de guerra híbrida e terrorismo tecnológico.

A produção destrutiva das grandes corporações transnacionais (bancos, seguradoras, mineradoras, empreiteiras, educacionais, automobilísticas, corporações do agro-hidronegócio, corporações ligadas ao complexo militar, etc.), alicerçada na reprodução ampliada do capital e na obsolescência programada das mercadorias, gera crimes socioambientais de grande envergadura. Ela gera desequilíbrios ambientais que resultam em novos vírus, pandemias e epidemias, como a que atualmente nos assola. Além disso, o imperialismo gera guerras de média e baixa intensidade que matam em escala inédita e sem nenhum pudor.

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-115-7.p15-20>

No século XX, Brasil e Índia se tornaram os principais palcos da nova fase da acumulação *primitiva*, baseada num processo violento de cercamento de novas terras em regiões não exploradas pelo capital. Obviamente para expropriar terras indígenas ou públicas o capital deve eliminar membros de ONGs, lideranças indígenas, quilombolas, posseiros, camponeses, lideranças de movimentos sociais, etc. A industrialização da agricultura no século XX, que além de criar um vasto negócio para o capital financeiro, colocou o Estado a serviço da criação das condições gerais de produção e reprodução do agronegócio, criou um grande mercado de agrotóxicos, adubos sintéticos, tratores, implementos agrícolas e sementes transgênicas. Além disso, subordinou os camponeses, que foram tragados pelo canto da sereia da *revolução verde*, e acabaram endividados, trabalhando para o banco.

Inúmeros estudos têm mostrado que a chamada agenda da *Revolução verde* foi de fato implementada no Brasil a partir do Golpe de 1964, ainda que tenhamos alguns elementos da mesma antes deste momento.

O MST foi um dos movimentos sociais que conseguiu combinar as lutas pela redemocratização do país com a luta pela terra. Vem questionando nossa estrutura fundiária, isto é, a posse e uso da terra no Brasil, gravadas a ferro e fogo pelo latifúndio monocultor e pela superexploração do trabalho, além da produção de commodities para o mercado externo.

Este livro de João Henrique Souza Pires – fruto de sua dissertação de mestrado – aborda a luta pela criação das escolas de agroecologia do MST, no contexto das lutas deste movimento nos anos 2000 rumo a transição agroecológica. Não é uma dissertação qualquer, pois Pires é um educador popular, foi membro e participou da coordenação de uma escola do movimento. Ele consegue combinar uma análise penetrante deste

fenômeno com uma abordagem crítica e uma atuação radical na realidade brasileira.

João Henrique Souza Pires – para os amigos, Bob - apresenta os resultados dos estudos que realizou sobre a formação sistemática de técnicos em agroecologia desenvolvida nos Centros/Escolas do MST-PR ou sob a hegemonia do MST. Ele aborda de forma minuciosa as práticas pedagógicas e metodológicas do 2º curso de técnico em agroecologia integrado ao ensino médio realizado no Centro/Escola José Gomes da Silva (EJGS) do MST no Paraná.

Não era possível a ele compreender as escolas de agroecologia sem abordar a questão agrária e como se deu o processo de *modernização* da agricultura, suas consequências e contradições. Pires nos mostra que o MST emerge em meio às lutas sociais que ganham força no final da década de 1970 e início da década de 1980, sendo considerado um dos movimentos sociais mais importantes das últimas décadas.

Tive a oportunidade de debater inúmeras vezes com João Henrique Pires sobre a necessidade de uma perspectiva anticapital para a agroecologia. Esta questão foi trabalhada por ele, dentro dos limites exigidos por um mestrado. A agroecologia defendida por nós se distancia radicalmente das ações do capital e seu *mercado verde*, inclusive impulsionado pelas grandes corporações transnacionais. Se distancia do ecocapitalismo, que tende a ignorar a questão agrária e a estimular ações no campo da *responsabilidade social empresarial*. Se distancia do *desenvolvimento sustentável*, uma falácia pois desenvolvimento no capitalismo tende a camuflar o motor do capitalismo: a acumulação de capital e sua destrutividade intrínseca. Se distancia do cooperativismo conservador, que não questiona os fundamentos do modo de produção capitalista. Pires observa os limites das correntes agroecológicas no Brasil e contribui com o debate a partir da observação das dimensões da

agroecologia. João Pires nos mostra também que questões vitais estão sendo abordadas no debate agroecológico, tais como a luta por uma outra extensão e assistência técnica, a crítica a propriedade privada da terra e das sementes, a necessidade de dar um outro sentido ao trabalho no campo, a igualdade de gênero, e os caminhos para alimentar o povo na cidade.

Mas é preciso lembrar que o movimento agroecológico que envolve povos da floresta, camponesas e camponeses, posseiros, seringueiros, etc. ainda não tem força para fazer avançar suas lutas. O Estado capitalista – a serviço das classes proprietárias – ou tenta eliminar estas forças ou enquadrá-las dentro da abordagem conservadora do *desenvolvimento sustentável*. A maior parte da classe média – com sua visão umbilical – quer resolver seu problema alimentar e consumir alimentos saudáveis. A menor parte das camadas médias chega a simpatizar por uma agenda ambiental mais radical, mas está longe de lutar até o fim pela construção de um novo modo de produção para além do capital. E na dianteira deste processo as corporações transnacionais obviamente ditam o que colocar e como colocar a agenda ambiental. Diante disso, assumir as rédeas da questão ambiental e dar um novo sentido a ela será um dos maiores desafios que a classe trabalhadora terá neste século XXI.

O *coração* do livro é a análise dos Centros/Escolas de Agroecologia no PR, o perfil de técnico almejado pelo MST e o processo formativo da Turma *Revolucionários da Terra*. Seu livro permite ao leitor refletir sobre o que Mézáros chamou - de forma mais genérica e não reduzida a escolas - de educação para além do capital. De fato, as escolas do MST nos mostram na prática como pode ser a educação do futuro, quando conseguirmos superar este modo de produção destrutivo, mesquinho e nojento, que é o capitalismo.

Pires nos permite compreender os projetos alternativos de ensino e aprendizagem propostos e materializados pelos movimentos sociais. Ele

observa os sujeitos sociais que emergem na sociedade capitalista e procuram caminhar em resistência a ela, especialmente ao caracterizar os projetos político- pedagógicos que têm características anticapital. Permite também ao leitor ver como uma escola de agroecologia funciona na prática, com suas conquistas, limites e contradições. O vínculo entre trabalho e educação na perspectiva dos movimentos sociais, a alternância, os tempos escolares são narrados por alguém que viveu e ajudou na coordenação da escola.

Enfim, este livro de João Henrique Pires – nosso querido Bob – contribui decisivamente para a compreensão das formas alternativas de organização do ensino-aprendizagem, promovidas pelos movimentos sociais, umbilicalmente ligadas com a transformação dos assentamentos, na sua luta contra as mazelas do latifúndio e do agronegócio, que produzem e reproduzem a barbárie, dentro e fora da escola.

Demos aos capitalistas a chance de alimentar o povo brasileiro por 500 anos. Chegou a nossa vez, chegou a hora da classe trabalhadora tomar as rédeas da produção, comercialização e consumo de alimentos tendo em vista a produção de valores de uso. Chegou a nossa vez de tomar as rédeas da produção de alimentos, não mais para alimentar o capital!

As políticas públicas de Bolsonaro nos mostram claramente que nossas classes proprietárias não estão *nem aí* para a questão da fome e da miséria, não aceitam uma renda mínima para os atingidos pela pandemia, não querem dar um valor razoável de auxílio para os afetados por ela.

Por último, gostaria de lembrar que as lutas de resistência das trabalhadoras e trabalhadores camponeses, o prenúncio de formas alternativas de trabalho, educação e de vida baseados na agroecologia poderão desembocar numa sociedade para além do capital. Surgidas das entranhas do sociometabolismo do capital, as novas formas de produção e

de vida no campo articuladas com suas escolas, têm um enorme potencial emancipatório. Elas podem avançar, caso haja um movimento internacional dos atingidos pelo capital, mas também podem rapidamente se esgotar, caso os trabalhadores do mundo inteiro não saiam da defensiva e não consigam impedir o fim do mundo a tempo.

Henrique Taban Novaes

Marília, 1º de maio de 2021,

Em tempos de pandemia,
no dia que em que a direita tomou as ruas.